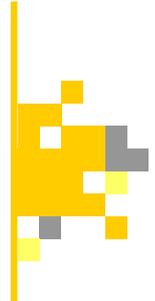


ARTIGOS PUBLICAÇÃO CONTÍNUA

Ana Maria da Cunha Rosado¹

Histórias populares e memória no espaço construído: um estudo de caso em Jambuí- SP

Places of memory and popular stories in constructed space:
a case study in Jambuí city



RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo ampliar o debate sobre a relação entre o lugar e a memória, com enfoque para memória popular e o olhar dos idosos. A cidade de Jambuí (localizada no interior do estado de São Paulo) desponta como pano de fundo a discussão do tema e ilustra a questão da história “oficial” frente a história popular. A metodologia possui caráter qualitativo e usa ferramentas como revisão bibliográfica, visita de campo e pesquisa de dados em mídias digitais. Os resultados abordam a importância dos espaços construídos para reviver memórias, o vínculo criado entre um indivíduo e o meio no qual vive (ou viveu), o olhar popular para a cidade e para os patrimônios.

ABSTRACT:

The present article to expand debate on the relationship between place and memory, approach on popular memory and the perspective of the elderly. The city of Jambuí (located in the interior of the São Paulo state) stand out as backdrop for the discussion of the topic and illustrates the issue of “official” history versus popular history. The methodology has a qualitative character and uses tool such as bibliographic review, field visit an data research in digital media. The results address the importance of spacer built to revive memories, the bond created between an individual and the environment in which they live (or lived), the popular view of the city and its patrimony.

Palavras-chave: História; Lugar; Memória

Keywords: History; Place; Memory

¹ Mestra em Planejamento Urbano pela Universidade do Vale do Paraíba; Doutoranda, Universidade Presbiteriana Mackenzie ROR, São José dos Campos, SP, Brasil.

anamaria97.rosado@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0002-6811-5088>

INTRODUCTION

Diversos são os conceitos usados para definir as marcas do passado que permanecem no presente, Fortuna (1995) as define como parte da cultura material que possui um valor simbólico enquanto Santos (2002) as chama rugosidades. De fato, são múltiplos os olhares sobre o tema, ainda maiores as listas de patrimônios que uma cidade possui e que contam parte de seu passado para aqueles que por ela caminham, sejam eles moradores ou novos no local.

Segundo Ferreira (2006) os patrimônios são as permanências do passado considerados necessários para resguardar um espaço significativo para preservação de identidades da sociedade que ali vive (ou viveu). Contudo, por muitos anos só foram considerados patrimônios os elementos de grande relevância para “história oficial”, ou seja, aquela contada nas escolas, nas páginas sociais das cidades, que envolvem grandes personagens históricos ou eventos que marcaram o local.

Por vezes a “história oficial” preserva a voz e os elementos de grupos dominantes, gerando a exclusão das camadas populares e de muitos grupos sociais que não se veem representados naquele espaço construído. Dessa forma, o importante reconhecimento do indivíduo com o meio em que vive para criação de uma identidade e vínculo social se perde, o chamado reconhecimento

do eu, Bauman (2003) e a história popular enfraquece.

Independente da diferença de olhar e das questões sociais e representativas que envolvem a discussão, os autores têm uma percepção em comum, o risco que esses lugares de preservação do passado correm de sumir no presente. Muito desse risco se deve ao processo de globalização acelerado e as constantes mudanças que ocorrem em sua decorrência, para Santos (2013) a rapidez das informações leva a perversidade da globalização onde as cidades se veem obrigadas a se encaixar em um modelo para não ficarem isoladas social, econômica e culturalmente.

Considerando tais situações o presente artigo tem por objetivo debater a relação entre lugar e memória para além da questão coletiva, mas pensando na relação do indivíduo com o espaço onde viveu e/ou vive, buscando jogar luz na questão das histórias populares e na história oral como forma de manter viva tradições, culturas, identidades e gerar conhecimento da história familiar e da relação do indivíduo com os espaços.

Para tanto além da revisão de texto as autoras optaram por usar das visitas de campo como uma das ferramentas de construção do presente trabalho, a senhora Maria Aparecida Melo da Cunha revisitou a cidade de Jambuí em 2023, a viagem teve por finalidade acompanhar as percepções que ela teria do meio onde viveu grande

parte de sua infância e as diferenças que percebeu observando a cidade nos presentes dias. Para tanto a discussão divide-se em dois tópicos: primeiro apresentando um debate sobre a questão das memórias, lugares, identidades e patrimônios e depois trazendo esse relato de campo que envolve memória popular, história familiar, identidade e percepções do espaço construído.

Além dos relatos etnográficos a metodologia, que possui caráter qualitativo, usa de múltiplas ferramentas para composição da pesquisa. Iniciando pela revisão bibliográfica para compor a discussão sobre o tema usando dos autores já citados nesta introdução e de outros como Halbwachs, Marc Augé, Italo Calvino e Ecléa Bosi. Também se utiliza de fotos, relatos e pesquisas em fontes digitais como acervos *online*, em *sites* e mídias sociais que contribuem para obtenção de dados e documentos sobre a cidade que ajudam a apresentá-la ao leitor e que criam a dualidade do olhar oficial e popular a ser abordado ao longo do presente trabalho.

O presente artigo trabalha a hipótese do uso dos espaços como locais não só de preservação da história de uma sociedade, mas também como redutos de memória e vetores para estimular a memória dos idosos e nos proporcionar conhecimento dos espaços para além daqueles apresentados pela história oficial.

DISCUSSÃO

Fortuna (1995) ao abordar a relação de patrimônio, memória e identidade cita a chamada “destruição criadora” que deriva dos processos constantes de mudanças no meio e que visam acompanhar a sociedade no passar dos anos, tendo relação direta com o modo como os indivíduos se relacionam com suas memórias, com o tempo passado e as referências que possuído do passado frente ao tempo presente. O espaço imediato encontra-se em constante mudança, assim independente das tradições e da força do passado certos traços identitários vão sendo aos poucos apagados e outros surgem criados no cerne das mudanças.

Os marcos do passado no presente como museus, casas, prédios e até ruínas são alertas para os riscos de perdas ao se distanciar desse passado, uma vez que para Fortuna (1995) os elos do passado no presente resgatam a história, transmitem sentido de tempo e significados frente às mudanças e diferentes percepções do espaço; assim o indivíduo no ato de recordar é transportado para outro tempo e lugar, associando memórias ao espaço.

Desta forma as memórias de uma sociedade se relacionam com seu meio construído, Halbwachs (1990) discorre sobre as memórias coletivas, que são frequentemente abordadas nas

pesquisas históricas e sociais, contudo o autor também debate sobre a questão das memórias dos indivíduos uma vez que ambas por vezes se relacionam para formar um todo. O autor nos fala da importância da relação entre as crianças e os avós para compor as memórias familiares e as memórias vividas que conservam com maior propriedade imagens do passado do que as memórias escritas.

Aqui pode-se criar uma ruptura no entre história e memória, uma vez que a história seria a compilação de fatos lidos em livros e ensinados nas escolas com a necessidade de falar de momentos, fatos e indivíduos já “perdidos no passado” e as memórias seriam contínuas, presentes, vivas nas gerações, nos grupos, nos indivíduos, nos espaços onde os lugares seriam as imagens e significados daqueles que ali habitaram, Halbwachs (1990).

E assim como o espaço sofre as marcas da sociedade, também deixam nos indivíduos uma marca, as cidades “modernas” em crescente progresso tendem a perder muito dos seus lugares devido ao crescimento urbano que ressignifica, destrói ou apaga em nome do desenvolvimento. Nas grandes cidades alguns bairros antigos ainda preservam traços do passado, mas existem ainda cidades interioranas onde a dinâmica espaço X sociedade ocorre de outra maneira, ali os hábitos permanecem de geração em geração resistindo no

cotidiano e mostrando como as memórias passadas em família se refletem no espaço.

Dessa forma, segundo Halbwachs (1990), a relação entre os homens e as “pedras” da cidade criam um padrão cotidiano com elementos que formam e marcam identidades e criam vínculo com o lugar, permanecendo e estando presentes tanto nas memórias coletivas quanto individuais e com a sobreposição constante de histórias e memórias nos espaços o passado preservado de forma material permite também a preservação de tradições, culturas, identidades e hábitos.

Assim, o patrimônio irá para além de sua relevância para um período histórico ou um determinado grupo social de impacto, mas também estão relacionados a indivíduos que estariam apagados por estarem presentes ali como membros no vai e vem da cidade. Tamaso (2002) discorre sobre problemática do olhar para o patrimônio como vetor econômico onde os laços sociais com o lugar são irrelevantes para sua preservação, contando somente a sua importância para impulsionar o turismo, os negócios e a economia, de forma que o patrimônio perde a ligação com o povo.

Tal relação com o lugar leva ao surgimento dos chamados “não lugares”, para Augé (1994) os lugares são definidos pela relação entre identidade, historicidade e pelo cotidiano (as trocas) no meio em que está inserido, contudo em um mundo cada vez mais globalizado e em constante

mudança, como já abordado neste texto, os espaços tendem a ser efêmeros, provisórios mudando constantemente junto com a sociedade, tal processo entre sociedade e espaço gerem os não lugares que são somente locais de passagem, sem vínculo social.

Somada a relação efêmera com o espaço e sua precificação como vetor econômico levamos ao afastamento de um valor simbólico relacionado a sociedade, principalmente considerando que a um mesmo local são atribuídos inúmeras memórias e significados devido a heterogeneidade dos grupos que passam pelas cidades, Tammaso (2002). Para além das questões do patrimônio tombado, as memórias prevalecem também nas relações com lugares que por vezes passam invisíveis ao meio, mas que podem ter grande significado para um indivíduo ou contar muito sobre história familiar.

Bauman (2003) atribui a fluidez acelerada das mudanças sociais e do cotidiano o distanciamento dos indivíduos com as identidades, que resulta na perda de traços característicos de determinados grupos, quebra de vínculos com o lugar e a sociedade bem como a sensação de “não pertencimento”. Este debate se faz importante para compreender a importância das permanências no meio urbano, as construções, a cultura popular, a memória, as histórias que permitem manter vivas características que poderiam ser, de outra

forma, apagadas permitindo assim a permanência de saberes e histórias que nos ajudam a compreender nosso passado e formação.

O espaço construído para além de seu uso social, preservam também as memórias e vivências da sociedade, o autor Italo Calvino (2003) define, no trecho 3 sobre “As cidades e a Memória” de sua obra, que a cidade não é constituída somente de construções e ocupações do espaço físico de forma material, mas sim feita das relações entre seu espaço e os acontecimentos do passado, o autor diz:

“Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pará-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.” (CALVINO, 2003, p.07).

De forma que quem dá sentido a esse passado escondido nos detalhes da cidade são os indivíduos da sociedade que ali constituíram suas memórias e vínculos com o lugar e que podem nos contar essas histórias de forma oral, escrita e ilustrada.

O ESPAÇO CONSTRUÍDO E OS INDIVÍDUOS

Ecléa Bosi (2003) também acredita que a memória constitui importante instrumento para compreensão da história e dos lugares, a autora dá maior valor a memória dos idosos, visto que estes despontam como testemunhas do passado e intermediadores entre a nossa geração e a cultura das gerações passadas através da transmissão de valores, cultura, tradições e da história oral.

Inclusive para Bosi (2003) a memória oral desponta como importante ferramenta para historiadores e todos aqueles que desejam compreender o cotidiano dos lugares, uma vez que a história pautada somente nos documentos oficiais, contada nas escolas e presente no espaço físico da cidade por vezes excluem camadas populares que só tem voz por meio da tradição oral. Desta forma os contos e causos contados por meio da tradição oral apresentam a história em um sentido mais amplo e social, são as chamadas histórias de vida, de família que tem base na memória dos indivíduos.

Ainda segundo a autora, as memórias criam raízes no espaço, ligando as continuidades temporais e relações entre a sociedade e os objetos e o conjunto das lembranças dos indivíduos formam a construção social de um grupo. Se faz importante ressaltar como os autores até aqui

apresentados reforçam que as memórias por muitas vezes estão ligadas a um lugar, a um espaço físico de forma que cada indivíduo tem uma percepção, uma lembrança e uma relação diferente com o meio e assim são múltiplas as histórias que circundam os espaços nas cidades.

Considerando que a memória dos idosos “(...) desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade onde se insere.” (BOSI, 2003, p. 69) trago para esta pesquisa um nítido exemplo de um olhar para cidade e da importância da memória dos idosos e da história oral para o indivíduo compreender e formar sua identidade, para conhecimento do passado familiar e das origens que nos cercam e para as pesquisas acadêmicas e científicas.

Como forma de ilustrar este debate, a autora partiu em uma viagem para a cidade de Jambeiro, contanto com a companhia de sua avó. A escolha da cidade se deve a proximidade familiar e oportunidade de criar o contraponto entre a história oficial e as lembranças de uma pessoa idosa sobre a história e os lugares visitados. Iniciaremos contando a versão oficial da história de Jambeiro e os locais de destaque segundo *sites* e documentos.

A cidade de Jambeiro, localizada no Vale do Paraíba interior do estado de São Paulo, uma típica cidade interiorana afastada da dinâmica progressista das grandes metrópoles com apenas

6.397 habitantes e 2,84 Km² de área urbanizada, segundo dados do último censo disponíveis no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo dados obtidos no *site* do IBGE e da prefeitura jambeirense a cidade surge de um povoamento às margens do rio Capivari nos entornos de uma capela de Nossa Senhora das Dores, sendo elevada a freguesia em 1872 e ocupando territórios doados pelo Capitão Jesuíno Antônio Batista e Luiz Bernardes de Almeida Gil. A cidade teve destaque no período cafeeiro com grandes fazendas de produção de café que elevam o lugar a Vila em 1876 e a cidade em 1898.

Jambeiro possui forte influência dos tropeiros em sua formação, as tropas surgiram para substituir os bandeirantes quando estes se fixaram na região de Minas Gerais na busca por ouro. Os tropeiros seguiam o caminho aberto pelas bandeiras e levavam do litoral para o interior (e do interior para o litoral) mercadorias, provisões e notícias. Como por vezes a viagem era longa, as tropas realizavam paradas para pouso e descanso e assim muitas cidades do Vale do Paraíba se viram marcadas pela presença dos tropeiros e foram influenciadas por seus hábitos e cultura, Almeida (1971).

Contudo, as crises no setor do café ao longo das primeiras décadas do século XX levam a um declínio econômico na cidade, que passa a se voltar a pecuária leiteira e das poucas indústrias in-

staladas na região (com destaque para indústria do papel e as grandes plantações de eucalipto que surgem na década de 1970).

Nos presentes dias o turismo desponta como importante fonte de renda local, principalmente com o “Cicloturismo”, destinado a grupos que realizam rotas de bicicleta. Jambeiro possui em seu *site* cinco “Rotas Ciclo turísticas” com mapas e fotos para auxiliar os viajantes e mostrar as belezas do local.

Outro fator que leva muitas pessoas a cidade são os grandes loteamentos de condomínios fechados que surgem próximos a rodovia do Tamoios e que são opção para pessoas que buscam segurança e tranquilidade na região; mesmo assim a maior parte do território de Jambeiro ainda é de zona rural, como pode ser observado na figura 1 retirada do Plano Diretor de 2020 do município de Jambeiro e que mostra em Roxo a Macrozona Urbana e em Verde a Macrozona Rural.

Assim o cotidiano da cidade se vê marcado por antigos moradores, artesãos, ciclo turistas, pescadores, motociclistas e turistas que por vezes usam a cidade como ponto de parada em suas viagens (considerando que Jambeiro se localiza no caminho para o litoral norte de São Paulo e que está próximo a cidade de São José dos Campos sendo opção de descanso nos finais de semana dos joseenses).

Aparecida, senhora de 84 que ali viveu até seus 11 (quando deixou Jambeiro para estudar em um colégio na cidade de Guaratinguetá, mas retornava nas férias para visitar a família) junto a seus pais Evangelina e Benedito e os 7 irmãos.

No ano de 2023 a autora andou pelas ruas de Jambeiro junto a dona Maria Aparecida (chamada Dona Nina por todos) e pode conhecer a história através de seu olhar. Inicialmente ao passar próximo a um córrego Dona Nina lembrou que certa vez o rio encheu e inundou a casa em que sua família vivia, recordando até mesmo de ficar com os pés levantados para não pisar na água.

Ao chegar na Igreja Matriz da cidade (Figura 3) teve um misto de emoções, inicialmente ficou triste por encontrá-la fechada a visitas naquele dia e por perceber como estava diferente das lembranças que tinha, mas depois ficou feliz por encontrar a igreja ainda preservada e lembrou as missas e festas que ali assistiu e participou.

Durante a caminhada lembrou das ruas e do caminho que por vezes percorria pra ver seu pai no trabalho, os lugares que brincava e que não existiam mais e as casas que ainda estão preservadas lembrando até mesmo de seus antigos moradores; a Figura 4 apresenta a rua que vai do Mercado Municipal para a Igreja Matriz e na imagem é possível ver as casas preservadas.

Figura 3 - Parte externa Igreja Matriz de Jambeiro



Fonte: Autora (2023)

Figura 4 - Casas na rua que liga o Mercado a Igreja



Fonte: Autora (2023)

O Mercado Municipal construído em 1896 (segundo data marcada em sua entrada, figura 5) ainda mantém os traços de outrora, porém com estrutura já danificada, pintura com avarias, pontos deteriorados (a Figura 5 permite ver um pouco

desse traço), mas conservando a história local por meio de fotos antigas da cidade espalhadas nas pilastras internas. A bica central ainda preservada e no pé de Jambo que ainda está de pé ao seu lado sendo único da cidade nos presentes dias, fato triste considerando que o nome foi dado a cidade devido aos pés de Jambo que existiam em abundância na região, segundo Gabriel 2006.

Para Dona Nina o local ficou marcado na sua memória por uma briga com uma colega de escola que aconteceu na esquina ao lado do Mercado Municipal e aos ver as fotos no interior lembrou vários colegas, a antiga escola e as compras que realizava nas lojinhas do local. Já na praça defronte ao Mercado Municipal fica localizado o coreto da cidade, estrutura comum nas praças das cidades interioranas onde se realizam apresentações, festividades e pontos de encontro e lazer da população.

Ali Maria Aparecida lembrou das apresentações de bandas em datas festivas da cidade ao qual assistia em sua juventude e reparou que o coreto estava diferente maior, com desenhos na lateral que antigamente não possuía, o telhado alterado, porém preservado de forma geral, estando ainda em seu lugar original.

A Figura 6 apresenta um antes e depois do local, apresentando uma foto da década de 50 que se assemelha mais as lembranças de Dona Nina junto a uma foto do ano de 2023.

Figura 5 - Fachada e entrada do Mercado Municipal de Jambeiro



Fonte: Autora(2023)

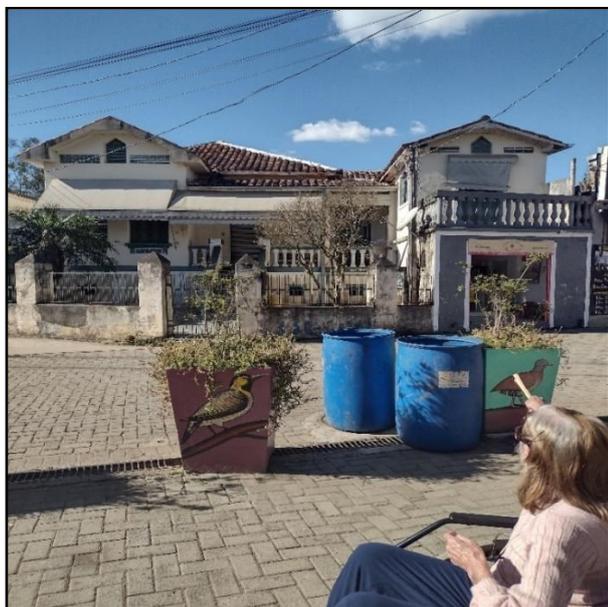
Figura 6 - Coreto de Jambeiro



Fonte: *site* da Prefeitura de Jambeiro e acervo de pesquisa da autora (2023)

Ainda na praça Dona Nina apontou a casa que considerava a mais bonita da cidade em sua infância (Figura 7), contando que adorava passar admirar a construção por seu tamanho, cor e beleza. O local hoje se encontra com fachada deteriorada, descolorida, com alterações em sua obra original para agregar uma lojinha e com marcas do tempo que não foram concertadas; mesmo com as lembranças da infância de passar por ali e admirar a casa, de lembrar o caminho para escola e os colegas a visão do local em tal estado deixou Dona Nina chateada visto que “era uma casa tão bonita”.

Figura 7 - Dona Nina aponta casa antiga da cidade



Fonte: Autora (2023)

Ao passar por um casarão fechado Dona Nina lembrou que o mesmo pertencia a um fazendeiro local chamado Edu e que ali foi realiza-

do um rico casamento de um advogado de São Paulo, com um almoço para o qual toda a cidade foi convidada, inclusive ela compareceu à festa (na época com 9 anos) junto a sua família e lembrou de entrar na casa, da comida e da beleza da comemoração; calculando com base em sua idade tal festa deve ter ocorrido por volta de 1948. Atualmente o local encontra-se fechado, apesar de aparentar uma fachada bem cuidada é visível que o local está abandonado e já sofre as avarias do tempo, fato que a deixou triste por lembrar do local festivo de antigamente.

Em pesquisas de acervo digital não foram encontrados dados sobre o local, somente na página da prefeitura de Jambéiro em uma sessão de fotos antigas encontrei a informação que a “Casa Grande” foi usada como espaço para escola quando a antiga Escola Reunidas foi demolida. A Figura 8 mostra a foto disponível no *site* sem data definida e uma foto tirada pela autora mostrando o casarão em 2023, na visita foi possível observar que a casa possui acima de sua porta de entrada uma data gravada nos entalhes de ferro (1876) que pode indicar seu ano de construção, bem como possuía uma placa a porta indicando o nome, endereço e contato do engenheiro técnico responsável, indicando que provavelmente o local deve passar por obras em breve.

Figura 8 - Antes e Depois do casarão



Fonte: *site* da prefeitura de Jambuí e acervo de pesquisa da autora (2023)

Dona Nina também reparou que a prefeitura estava diferente e reconheceu o prédio dos Correios e Telégrafos (Figura 9), que segundo ela ainda estava “do mesmo jeitinho”, porém assim como os outros locais sua estrutura já possui as marcas do tempo e da falta de cuidados; o local estava fechado por ser um final de semana, mas aparentemente ainda está em funcionamento como correio local. Outro fato lembrado por Maria Aparecida ocorreu ao passar por uma casa e lembrar que ali viveu sua professora que se chamava

Laura. Fato curioso que remete a memória familiar é que tal casa se localiza na esquina de uma rua chamada José Pinto da Cunha sendo este antepassado de José Pinto da Cunha Filho marido de Dona Nina.

Figura 9 - Correio e Telegrafo



Fonte: Autora (2023)

A casa foi registrada certa vez em uma foto de família e tal foto ajuda não só a contar a história familiar, como a mostrar as mudanças que ocorrem na casa antiga, como sua pintura, a colocação de uma placa de rua mais moderna (mas preservando a antiga), a rua ainda de pedra como antigamente e as avarias que o tempo já causou mesmo com a nova pintura da casa. Aqui fica evidente como as histórias populares se desenham nos detalhes das cidades, como uma casa, uma rua, uma esquina, que para muitos passaria despercebida.

Dentre todos esses locais citados que contam a história de Maria Aparecida e da cidade de

Jambeiro, um local chamou atenção e foi o que mais a emocionou e a deixou alegre durante a visita. Ao passar por uma ponte sobre um córrego avistamos uma casinha azul a seu lado (Figura 10) que estava bem preservada feita com azulejos que remontam a arquitetura portuguesa, ali Dona Nina contou que a casa em questão fora construída por seu pai (Benedito Cândido de Melo).

Apesar de não lembrar a data exata explicou que a construção se deu entre 1946-1949, pois recordava ser em sua infância antes de ir estudar no colégio Nossa Senhora do Carmo em Guaratinguetá. Lembrou que por vezes ia até a obra ver o pai ou levar comida, mas que nunca entrou na casa que é propriedade privada. Por ser propriedade particular a casa não está inserida na história da cidade de forma oficial e, mesmo assim, se tornou mais importante do que qualquer outro local visitado. Provando os laços que existem entre o lugar e os indivíduos, para muitos só mais uma casinha na paisagem, para Dona Maria Aparecia a lembrança de seu pai e de sua infância. Frente do desanimo que teve ao ver muitos locais alterados ou pouco preservados, a casa azul lhe comoveu por encontrar-se preservada e segundo ela “igual quando foi construída”.

Figura 10 - Casa azul em Jambeiro



Fonte: Autora (2023)

Ao ficar defronte a casa (Figura 11), Dona Nina não só enxergava a construção, mas tinha a lembrança de seu pai construída no espaço, ainda mais com o fato da mesma permanecer original. A memória afetiva vivida em um espaço construído e preservado, mas que também podem falar da cidade, visto que a mesma apresenta características da arquitetura portuguesa mostrando que a influência imigrante chega ao interior.

Figura 11 - Dona Nina defronte a casa



Fonte: Autora (2023)

O local ainda despertou nela lembranças de outras obras que o pai realizou na cidade (obras menores) e que ali está teria sido a única casa feita do “início ao fim” por ele (fato que ela recorda com orgulho exaltando a qualidade do trabalho exercido nos detalhes que via da casa); recordou também que ele construiu casas nas cidades de Taubaté e São José dos Campos (mas que essas já foram demolidas para dar lugar a prédios). Portanto a casa de Jambeiro é marco por ter sido projetada pelo dono (o mesmo até hoje) e construída desde o alicerce por seu pai, sendo a única preservada. Fica nítido nesse exemplo a relação de memória afetiva e lugares, muitos nem vistos como relevantes para a história local, mas relevantes aos populares.

Em conversa posterior a viagem até Jambeiro Maria Aparecida ainda revela ter ficado chateada ao ver como Jambeiro está nos presentes dias. Em suas palavras “o progresso mudou a cidade” e de fato, as mudanças alteram aquele cenário que existia em sua memória e lhe eram familiares. Também o movimento na cidade, antes, segundo Dona Nina, o local era “pacato, pequeno, tranquilo, limpa, organizado, todos se conheciam e eram amigos”, agora para ela “parece uma São Paulo”.

Se faz curioso notar a comparação por ela feita, uma vez que mesmo com todas as mudanças Jambeiro ainda é considerada uma cidade interio-

rana entre as menores do Vale do Paraíba e nem de perto se assemelha ao tamanho geográfico, social e econômico de São Paulo. Mas os olhos que ali viram o progresso, viram as mudanças e pouco de familiar encontraram, o que mais entristeceu Dona Nina foi a mudança da praça e ver que o que não foi alterado, permaneceu sem cuidados, está abandonado.

Constatar o abandono de muitos locais que marcaram sua memória aumentou, ainda mais, sua alegria em ver a casa azul construída por seu pai conservada. Tal relato evidencia como os lugares formam memória e fazem parte de laços afetivos do indivíduo com o lugar em que vivem, e mesmo a leve alteração do lugar já leva a não identificação com o mesmo (no caso, Dona Nina não identifica a Jambeiro de sua infância e se depara com um local para ela desconhecido e menos agradável do que era em suas lembranças).

Com o crescimento das cidades e a necessidade de se encaixar os espaços nas demandas sociais, muitos lugares são alterados, ressignificados e até mesmo demolidos para dar lugar ao “progresso” alterando assim a relação dos indivíduos com o meio e apagando histórias, memórias e identidades, a figura 12 retrata bem esse aspecto ao mostrar através de uma tirinha como a cidade se altera e pontos da história da família já não existem.

Figura 12- A história apagada na cidade



Fonte: *Instagram* do artista Pietro Soldi (2023)

RESULTADOS

Segundo Bosi (2003) cada geração constrói sua memória na cidade, de acordo com os acontecimentos e cotidiano enfrentados e para autora o meio urbano afasta as pessoas e dispersam lembranças, uma vez que estas se “apoiam nas pedras da cidade”. Tal fato fica evidente, na tirinha da figura 12 que ilustra como as cidades se sobrepõe as histórias no seu caminho de progresso e na história familiar relatada uma vez que somente em uma cidade interiorana uma casa construída por meu bisavô permanece de pé, enquanto nas maiores cidades do Vale do Paraíba as casas feitas por ele já foram demolidas para dar

lugar a prédios (fato que mostra como a história é efêmera nas cidades).

Por meio desta pesquisa foi possível mostrar como a história está em tudo e como as memórias familiares e a tradição oral contada pelos idosos são de grande contribuição para conhecer o passado das cidades. Jambeiro não possui muitos dados disponíveis de seu passado nas redes digitais, não possui um museu destinado à sua história, sendo difícil encontrar dados; mas em uma única visita aprendi sobre as festas que marcavam o cotidiano da população e eram aguardadas por todo ano, sobre a enchente que certa vez atingiu a cidade e só não ocorreu mais pois o rio foi assoreado, sobre as construções que marcavam os caminhos daqueles que andavam na cidade e sobre o cotidiano pacato.

Ficou visível que a cidade teve seus anos de riqueza em vista dos casarões que marcam as ruas locais, segundo Gabriel (2006). Mas é nítido o apagamento da história uma vez que o site da prefeitura exalta como pontos de turismo somente pontos relacionados à natureza, restaurantes e pousadas relativamente novos e não indica locais no centro urbano ou pontos que contém ao turista a história local.

Por meio das histórias familiares conhecemos nosso passado e para os pesquisadores os dados que os idosos possuem podem ser de extrema relevância por conter memórias vividas

as e proximidade com os fatos narrados; bem como por ilustrar e jogar luz a pontos que não são abordados pela chamada história oficial constituindo assim importante ferramenta para composição de pesquisas e de compreensão dos espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preservação dos espaços se faz importante não só para manter viva a história local, exaltando os pontos altos das cidades e as grandes figuras que ali viveram, mas também para preservar a história popular, as identidades e memórias de diversos grupos e indivíduos. Rugosidades, patrimônios, marcas, símbolos, não importa a nomenclatura o importante se faz compreender como os espaços do passado construídos e presentes na sociedade podem nos contar inúmeras história levando até mesmo ao conhecimento das nossas origens e tradições familiares.

As memórias dos idosos são importantes para composição da história das cidades, considerando que por vezes eles viveram aquilo que nararam e que a soma da memória do indivíduo compartilhada com outros e vivida geram as memórias coletivas importantes para preservação de tradições, culturas e lugares. Para Le Goff (2013) a memória constitui importante papel para a história como “reservatório” da mesma rico em arquivos vivos: “ A memória, na qual cresce a história, que

por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.” (LE GOFF, 2013, p.437).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aluísio. **Vida e morte do tropeiro**. São Paulo, SP: Lme,1971.

AUGÉ, Marc. **Introdução a uma antropologia da super modernidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo-SP: Ateliê Editorial 2ª.ed. 2003.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: São Paulo: O Globo, Folha de S. Paulo, 2003.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Patrimônio: discutindo alguns conceitos**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

FORTURA, Carlos. **Por entre as ruínas da cidade: o patrimônio e a memória na construção das identidades sociais**. Oficina CES (Centro de Estudos Sociais), Coimbra: nº 61, 1995.

GABRIEL, Sônia Maria. **Mistérios do Vale: histórias que o povo conta do Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira**. São José dos Campos-SP: Jac Editora, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. -7ª ed. Revista- Campinas -SP: Editora da Unicamp, 2013.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico- científico- informacional**. – 5. Ed., 1. Reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

TAMASO, Izabela. **A expansão do patrimônio: novos olhares sobre velhos objetos, outros desafios...** Simpósio Memória, Cidades, Patrimônio, na 54ª SBPC, Goiânia, 2002.

Links acessados na pesquisa

<https://www.jambeiro.sp.gov.br/jambeiro/historia>: acesso em 09/10/2023;

<https://www.chaocaipira.org.br/cidades/jambeiro>: acesso em 16/10/2023;

<https://jambeiro.sp.gov.br/jambeiro/cultura-e-festas-tradicionais/fotos-antigas-de-jambeiro>: acesso em 16/10/2023;

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/jambeiro/panorama>: acesso em 22/03/2024;

<https://www.jambeiro.sp.gov.br/jambeiro/lazer-e-turismo/roteiros-turisticos>: acesso em 23/03/2024;

<https://www.jambeiro.sp.gov.br/revisao-plano-do-diretor-de-jambeiro/plano-diretor-de-jambeiro>: acesso em 23/03/2024;

<https://casadeculturazemira.com.br/>: acesso em 23/03/2024;

https://www.instagram.com/p/CwgNRGUtGqI/?igsh=dXVzb3R2ZG0yZG9t&img_index=1: acesso em 24/03/2024.